

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Globo*

Class.: 1191

Data: 20.12.79

Pg.: _____

Urucum, arcos e flechas. Os xavantes se preparam para a guerra

SANDRA CARVALHO.
Enviada especial

BARRA DO GARÇA, MATO GROSSO (O GLOBO) — Os índios xavantes do Posto Indígena de Couto Magalhães, em Barra do Garça, Mato Grosso, atacarão a Fazenda Xavantina na próxima segunda-feira, e cerca de 1.500 índios já estão espalhados pelas fazendas mais próximas, à procura de imbirã e urucum para pintar o corpo para a guerra e de modo a encontrar os pontos estratégicos da Fazenda Xavantina para o ataque. Os líderes das nove aldeias (Areões, Numukura, Sangradouro, Pimentel, Couto, Kuluene, Batovia, Marechal Rondon e São Marcos) estarão reunidos amanhã e sábado para decidir sobre as divisões dos grupos e acertar os últimos detalhes do ataque.



Ao alto, a prontidão de três chefes xavantes, Zacarias, Celestino e Martinho. Acima, o encontro entre o cacique Joãozinho e outros xavantes

●●●
Da área a ser demarcada, com 285 mil hectares, a fazenda xavantina, de propriedade da Amurada Planejamento, com projeto de Engenharia S.A., ocupa aproximadamente 80 mil hectares. O decreto a ser assinado pelo presidente Figueiredo está com o ministro do Interior, Mário Andreazza desde segunda-feira, embora a Funai não saiba dizer se será ou não assinado.

O chefe da ajudância autônoma da Funai em Barra do Garça, Odenir Pinto de Oliveira, diz que "a situação ficará insustentável, e as consequências serão imprevisíveis se a Funai não tomar providências urgentes".

— Não há como acalmar mais os índios — disse Odenir. — Mas estamos muito preocupados porque qualquer ataque a uma fazenda seria um suicídio, tendo em vista que todos os jagunços estão armados. A única solução para o problema seria a assinatura do decreto desapropriando a fazenda.

O cacique Joãozinho, da aldeia de São Marcos, diz que "índio não quer mais saber de conversa da Funai, que só sabe prometer e não faz nada".

— Há dez anos esperamos esta desapropriação, porque a Xavantina pertence aos xavantes há mais de cem anos. Estive em Brasília em novembro e pedi ao presidente da Funai, coronel João Carlos, que conversasse com a gente como homem, não como criança. Pedi que ele fizesse algo pela nossa reserva, porque não agüentávamos mais esperar. Mandei também uma carta ao Patrício, do Departamento Geral do Patrimônio Indígena (DGPI), explicando a situação e dizendo que se não fosse resolvida vamos invadir mesmo a fazenda.

O ex-presidente da Funai, Adhemar Ribeiro da Silva, havia dado o prazo até o dia 31 de outubro passado para a desapropriação e demarcação da reserva. Os antropólogos da Funai dizem que este decreto foi um dos principais motivos da saída do ex-presidente, tendo em vista as grandes pressões dos fazendeiros, políticos e mesmo o governador do Estado.

Com a entrada do coronel João Carlos Nobre da Veiga, esta desapropriação foi prorrogada, tendo em vista a nova política do órgão, de "consultar o In-cra, IBDF, DNER etc., para saber da conveniência de qualquer demarcação de área indígena".

No final da semana passada, o chefe do PI de Couto Magalhães, Francisco Campos Figueiredo, foi expulso pelos índios, que chegaram a dizer que ele "saiu enquanto estava sendo considerado amigo".

— Tudo começou com um problema de arroz — disse Francisco. — Eu ia comprar 25 sacas de arroz para cada aldeia, a Cr\$ 500 cada. Já tinha acertado tudo, mas o preço subiu e o dinheiro não dava mais para comprar a mesma quantidade. Resolvi comprar arroz com casca, mesmo porque eles teriam o trabalho de limpar e, assim, comeriam menos. Se deixar por conta deles, comem tudo de uma vez, porque passam o dia comendo. Diante disto, eles não aceitaram e disseram que a Funai só sabia prometer e não fazia nada.

Ao sair do PI, Francisco tirou algumas peças do rádio, para que os índios não mexessem e, assim, o posto ficou sem nenhuma comunicação. No início des-

ta semana, a bomba de água foi inutilizada, o tanque de óleo com capacidade para 12 mil litros foi furado e algumas peças do trator desapareceram. Enquanto os índios dizem que não sabem quem causou todos os danos, alguns funcionários da Funai responsabilizam os índios.

O cacique Celestino, da aldeia de Couto, que também esteve em Brasília no início de novembro, disse que o coronel João Carlos lhe garantiu que faria a reserva, mas não marcou data.

— Não sabemos quando ele fará nossa reserva. Mas ele deve saber que nossa paciência não é muita. Eu estou muito preocupado, porque não tenho onde plantar roça e não vou esperar mais.

Celestino conta que há aproximadamente 20 anos sua família morava na Fazenda Xavantina.

— Na época teve um ataque de índio contra branco. Muitos índios morreram e eram enterrados lá mesmo. Não queremos mais morte por aqui, mas queremos o que é nosso. Não adianta mais a Funai pedir para espe-

rar. Estamos cansados disto. Há dez anos é a mesma conversa. Nossa paciência acabou.

Também o cacique Zacarias diz que o ataque é a única maneira de conseguirem de volta suas terras.

Ressaltando todo o tempo que os jagunços da Fazenda Xavantina estão armados, os líderes dizem que "a luta será com arco e flecha, como antigamente, pois os antepassados não conheciam arma de fogo".

Mesmo diante desta afirmativa, alguns funcionários da Funai garantem que os índios têm algumas armas de fogo, mas pouca munição. O líder Benedito, também de Couto Magalhães, é o único que não está participando do movimento, sendo acusado por todos os índios de estar vendido aos fazendeiros. O próprio Odenir Pinto de Oliveira confirmou isto:

— Sabemos que ele tem a promessa de receber Cr\$ 150 mil para garantir algumas fazendas. A desavença com Benedito é antiga, por ele estar sempre do lado oposto dos interesses dos índios.